

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

em Ovar, semestre 500 réis
com estampilha 600 »
hora do reino accresce o porte do correio
avulso 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar

Impressão e composição — **TYPOGRAPHIA PENINSULAR**
Rua de S. Christim, 18 a 28 — PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. 60 rs. cada linha
Anuncios e communicados 50 »
Repetições 25 »
Anuncios permanentes, contracto especial
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

ASSEMBLEIAS GERAES DOS PARTIDOS

Folgamos de notar, louvando a franqueza e a independência, com que fallaram alguns progressistas, e especialmente o sr. Joaquim Soares Pinto, na reunião magna do seu partido em Lisboa—e louvamos sem lisonja, porque a sua attitude, que não é igual, se acha em harmonia com quanto se lê nos nossos artigos aqui publicados sobre a missão dos chefes—a quem talvez desgradassem, mas não importa, deem um bom exemplo: uma grande parte da assembleia os applauiu.

A mesma independencia appareceu na reunião dos regenerados,—houve quem declarou insufficiente a moção proposta em nome da Commissão Executiva—e se lá estivesse, diria contra as e contra outros, que a politica das opposições, por aggressiva de mais e intransigente, não a a que de vera, adoptar-se na actual conjunctura.

Visto que não se recorria, nem pensava em recorrer a meios violentos, visto que não se apoiavam, nem de certo havia expedientes ou taticas, que lograssem o efeito, que se pretende, tudo era util, e gracioso, que não fosse o ansigir com o governo—a quem vinha offerecer um accordo, em virtude do qual, elle desistindo das medidas d'excepção, abandonasse a dictadura, emquanto os regeneradores do seu lado entrariam em combinações eleitoraes, desistindo da sua intransigencia.

D'esta transacção resultava um mal maior, que o mal soffrido.

Devia seguir-se a mesma politica, de que usou Gambetta com os republicanos: este era mais monarchico, e republicano—e a sua ambição de governar—a assembleia era a mesma—eleita só para ajustar a paz com a Prussia, e a indemnisação da guerra, fez-se soberana, dominou sete annos e apesar da sua illegalidade Gambetta sempre apoiou Thiers, para não se unir de novo aos adversarios, e para que as suas mãos não sabisse a monarchia.

Da mesma sorte agora, qualquer dos partidos monarchicos devesse combinar-se com o governo para não se alliar aos nacionalistas, ou clericaes—em 10 do corrente escrevi isto e por estas mesmas palavras a um chefe regenerador, o sr. C. H. muito antes de se annunciar o funesto accordo do governo com o partido reaccionario—o que m'approvou na sua resposta.

Estranhamos tambem, que a imprensa monarchica por um lado accuse a dictadura de ser uma causa de descredito para as instituições, que vigoram, e por outro publique com gabos excessivos os recursos republicanos, no que augmenta a força dos chefes e das causas que defendem.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

LEI EVOLUCIONARIA DAS SOCIEDADES

II

Nunca o homem foi tão grande recebendo como um Cesar, a apothese directa, nunca talvez em compensação a fragilidade das grandezas humanas se apresentou tão manifestamente como no periodo aviltante do imperio romano. «Corromper ou deixar-se corromper eis ahi o que se chama o mundo» dizia Tacito.

O esmopolitismo da civilização romana não pode amalgamar completamente os diversos elementos ethnicos, a centralisação politica do imperio não podia esbulhar cada nação do seu caracter particular.

Nas terras subjugadas existiam dois elementos distinctos, o nacional anterior á conquista e o elemento romano. Os conquistadores impunham a sua civilização as suas leis, os seus costumes, a sua religião; mas o elemento indigena não deixava de subsistir. A acção de Roma foi salutar, mesmo quando desabava; as magnificas ruinas da sua grandeza são o modelo e o inicio da prosperidade geral.

Os romanos appellidavam-se o povo de Marte, mas desde que conheceram os germanos ficaram assombrados de seu ardor no combate. Para os escandinavos a morte no campo da batalha era o fim da vida. Quando a mãe dava á luz um filho a primeira oração era pedir que elle morresse combatendo, porque a morte na guerra era o maior dos bens. Tal era o ideal da vida para os barbaros.

O mundo romano estava moribundo, os barbaros representam o sangue novo que renova a ordem de coisas. A barbaria não é inferior a uma civilização decrepita. Os barbaros deante da civilização romana desempenharam o papel d'uma providencia terrivel e ao mesmo tempo benefica. Deslocaram a vida da cidade para os campos; o christianismo imprimiu-lhes a direcção moral, mas é Roma ainda que fornece ao mundo christão a forma das instituições ecclesiasticas. (Note-se)

A apropriação é um phenomeno essencial á vida e a propriedade não é senão a apropriação tornada um direito pelo trabalho. A posse da propriedade por todos os cidadãos eleva o sentimento moral do povo e augmenta a receita do solo.

Se a propriedade é indispensavel á liberdade segue-se que todos os homens teem direito a ser proprietarios. A primeira e verdadeira propriedade é a pessoa, todas as outras propriedades derivam d'ella.

Diz Santo Ambrosio «a natureza gerou o direito de communidade e é a usurpação que tez o direito de propriedade.» (Note-se)

O Christianismo nascente era essencialmente comunista, o catholicismo tornou-se defensor dos ricos proprietarios. A sua influencia na idade média resente-se d'esta orientação.

Pelas leis draconianas de Henrique VIII os pobres eram consi-

derados em Inglaterra como membros inuteis do estado, sendo ora mutilados, ora fustigados.

O grande ministro francez Colbert publicou um edito pelo qual estabelecia casas de refugio para os pobres e os considerava como membros vivos de Jesus Christo. O papa tornou-se o arbitro commum, e as transacções entre os mais poderosos teem sempre restabelecido o direito do mais forte. Aquelles que inspiravam a sua consciencia no Evangelho como João Huss, Jeronymo de Praga, João Ziska, Savonarola, foram perseguidos implacavelmente. A pureza da sua vida, a sinceridade das suas ideias e dos seus precetos contrastavam com a dissolução do alto clero catholico. Quem ousasse defender o Evangelho na sua pureza tinha por epilogo a fogueira. (Note-se)

A Igreja era a suprema verdade. Dizia S. Thomaz d'Aquino «o heretico não deve ser separado da Igreja só pela excommunhão, deve ser separado do mundo pela morte.» (Que tal!)

S. Thomaz era um grande philosopho, mas a philosophia medieval é caracterizada pela estreita harmonia da razão com a fé, e toda a fé sincera e ardente gera a intolerancia.

A Igreja arraigou-se no espirito medieval como unica depositaria do direito e da verdade absoluta. A ambição porem de restaurar o imperio romano sob a forma d'uma grande theocracia, é ideia fixa no cerebro do papado. Os doutores do christianismo nascente aventaram essa theoria, posto que de baixo d'uma forma diversa. Santo Agostinho, bispo de Hippona, na *Cidade de Deus*, modelada em grande parte pela *Republica de Platão*, quer que a sociedade seja a imagem da Jerusa'em celeste, e como o christianismo é o representante de Deus, pretende que na Igreja resida a suprema soberania. Igual ideia foi defendida por S. Thomaz—*De regimine principum*.

No seculo XI appareceu um homem de genio, Gregorio VII, que entendeu que a theoria dos doutores da Igreja podia converter-se n'uma realidade historica. Soube o grande Hildebrando governar durante quatro papados successivos promovendo os interesses da Igreja, aproveitando-se da decadencia da realza enfraquecida pelo feudalismo para tentar a execução do seu gigantesco plano. O destino não consentiu que elle o executasse, nem que apparecesse outro pontifice com arcabouço para levar a cabo tam colossal projecto.

A historia é a mestra por excellencia da humanidade, mas desgraçadamente os homens não sabem sempre alumiar-se com a sua luz.

Era de alto interesse patriótico que esta sciencia tivesse entre os nossos concidadãos grande numero de intelligencias que n'ella se inspirassem a bem da prosperidade do nosso desditoso paiz. Fôra da acção do conflicto europeu podemos ao menos provar pela historia que fomos os iniciadores da era pacifica da industria pelas descobertas dos nossos ousados navegantes, que levaram a civilização do occidente a todos os angulos do planeta terraqueo.

Basta este facto para Portugal ter um lugar importante na

historia da civilização. Fomos n'essa epoca nação hegemonica e alcançamos as victorias da paz, que ficaram immorredouras como o genio que as inspirou. Os navegantes portuguezes abriram á exploração do mundo o mar atlantico, que até então era um mysterio com as suas lendas, universalizando assim a civilização mediterranea que até essa epoca fôra o centro da historia.

Entre os povos hispanicos está se passando um phenomeno politico extraordinario, dado a conhecer pelas relações litterarias da penisula. Depois da unificação de todos os estados pelos reis catholicos os povos ibericos chegaram a esquecer e a desdenhar as suas tradições locais, os seus dialectos e só hoje despertam entusiasticamente para fazerem reviver o seu passado historico. E' assim que muitos escriptores catalães estão hoje escrevendo no seu dialecto a fim de communicarem com o mundo litterario e a Gallisa imprime grammaticas e dictionarios, os seus poetas e os seus historiadores escrevem no proprio dialecto gallego.

Estes factos provam que as provincias, apesar da sua obediencia ao poder centralizador de Castella tendem a differenciar-se pelo amor das tradições, que é uma especie de força estatica cuja acção é tão fecunda que sobrevive a todas as transformações sociaes. O viuço social mais poderoso, que estreita uma nacionalidade é a sua tradição historica; esquecida ella está perdida a sua autonomia. Foi o que aconteceu a Portugal em 1550 com intromissão dos jesuitas como seita ensinante no tempo de D. João III. Assumiram o encargo da educação publica, amoldando os cerebros aos espiritos novos com o fim de tornar os mais habéis subservientes e os mediocres fanaticos. No fim de trinta annos toda esta geração estava inconscientemente bestializada, chegando a perder a noção da propria dignidade nacional, como tristemente se provou pela recepção imponente feita com arcos triumphaes em 1580 a Phillippe II. A esta moderna corrente litteraria do espirito local nas provincias hespanholas corresponde a theoria politica da federação, cuja doutrina é exposta claramente por Pi y Margall no seu livro *Las Nacionalidades*.

De todos os factores sociaes a educação é aquelle cujos efeitos se fazem sentir de uma maneira mais rapida. E' preciso ter faculdades de espirito e de coração mui potentes para resistir a uma educação viciosa e a um meio perverso e conseguir esmagar todos estorvos, com o intuito de se inspirar somente na propria consciencia. Voltaire prezava-se de pertencer a esia cathogoria e por isso se chamava *espirito forte*, expressão que se tornou vulgar no seculo XVIII.

Os revolucionarios francezes fizeram a guerra, mas o seu ideal era a paz.

Desde 1792 o exercito é a nação inteira, o espirito de classe desapareceu, a igualdade do imposto de sangue apagou as velhas distincções, que eram ainda restos de feudalismo medieval. Os generaes d'alcova, protegidos pelas cortezas dos reis absolutos, desappa-

çeram para dar o logar a homens intrepidos saídos das fileiras do povo, e que em nome do dever trabalham a pelo descoberto, não tendo outro movel senão o amor do seu paiz. A realza moderna tornou inteis, d'um modo habil, os descendentes dos altivos barões, fazendo d'elles seus serventuarios do paço, ou reduzindo os a lacaios apparatusos.

A grande revolução franceza foi a causa d'esta vivificante transformação que regenerou toda a estrutura da moderna sociedade.

O sentimento da liberdade, do direito e do amor da patria será sempre o immortal apanagio do genio da França.

A coragem e a abnegação dos soldados republicanos que lutaram pela defeza nacional, foi desapiedadamente esquecida pela absorção do ambicioso Bonaparte, que até na gloria foi egoista. O seu genio venceu e deslumbrou.

Desfez a lenda dos reis d'origem divina e creou uma escola de generaes. O general moderno apparece nas grandes crises patrioticas, como de improviso.

Ullyses Grant, simples mercador de cerveja, quando começou a guerra separatista dos Estados Unidos, converteu-se n'um glorioso general que alcançou brilhantes victorias que pozeram fim á guerra. General improvisado d'um dia para o outro, elle e o terrivel Sherman, espantaram o mundo com a verdadeira revolução que introduziram na tactica e na estrategia. Foi lá que os allemães foram buscar muitos principios da arte da guerra.

A educação civica dos povos tem por fim desarmar a mediocridade dos governantes. Os reis caem por que lhes falta a moralidade, as aristocracias desaparecem porque lhes falta a intelligencia.

Manoel Ferreira.

ESTES SITIOS

Olha bem estes sitios queridos, Vê-os bem n'este olhar derradeiro... Ail o negro dos montes erguidos, Ail o verde do triste pinheiro! Que saudades de d'elles teremos... Que saudade! ai, amor, que saudade! Pois não sentes, n'este ar que b'ebemos, No acre cheiro da agreste ramagem, Estar-se alma a tragar liberdade E a crescer de innocencia e vigor! Oh! aqui, aqui só se ingrinalda Da pureza da rosa selvagem, E contente aqui só vive Amor, O ar queimado das salas lhe escalda De suas azas o niveo candor, E na frente arrugada lhe cresta A innocencia infantil do pudor. E oh! deixar taes delicias como esta! E trocar este ceu de ventura Pelo inferno da escrava cidade! Vender alma e razão á impostura, Ir saudar a mentira em sua corte, Ajoelhar em seu throno á vaidade, Ter de rir nas angústias da morte, Chamar vida ao terrôda verdade... Ail não, não... nossa v da acabou, Nossa vida aqui toda ficou. Diz-lhe adeus n'este olhar derradeiro, Diz-lhe adeus dos montes erguidos: Dize-o ao verde do triste pinheiro, Dize-o a todos os sitios queridos D'esta ruda, feroz soledade, Paraizo onde livres vivemos... Oh! saudades que d'elle teremos, Que saudade! ia, amor, que saudade!

Garrett.

CASCAES

(Uma das mais bellas poesias de Garrett)

Acabava alli a terra
Nos derradeiros rochedos,
A deserta arida serra
Por entre os negros penedos
Só deixa viver mesquinho
Triste pinheiro maninho.

E os ventos despregados
Sopravam rijos na rama.
E os ceus turvos, annuviados,
O mar que incessante brama...
Tudo alli era braveza
De selvagem natureza.

Ahi na quebra do monte,
Entre uns juncos mal-medrados,
Sêcco o rio, sêcca a fonte.
Hervas e matos queimados,
Ahi n'essa bruta serra,
Ahi foi um ceu na terra.

Alli sós no mundo, sós,
Santo Deus! como vivemos!
Como eramos tudo nós
E de nada mais soubemos!
Como nos folgava a vida
De tudo o mais esquecido!

Que longos beijos sem fim,
Que fallar dos olhos mudo!
Com ella vivia em mim,
Como eu tinha n'ella tudo,
Minha alma em sua rezão,
Meu sangue em seu coração!

Os anjos aquelles dias
Contaram na eternidade;
Que essas horas fugidias,
Seculos na intensidade,
Por millenios marca Deus
Quando as dá aos que são seus.

Ail sim foi tragos largos,
Longos, fundos que a bebi
Do prazer a taça:—amargos
Depois... depois os senti
Os travos que ella deixou...
Mas como eu ninguem gosou.

Ninguem: que é preciso amar
Como eu amei—ser amado
Como eu fui; dar, e tomar
Do outro ser a quem se ha dado,
Toda a razão, toda a vida
Que em nós se annulla perdida.

Ai, ai que pesados annos
Tardios depois vieram
Oh! que fataes desenganos,
Ramo a ramo, desfizeram
A minha choça na serra,
Lá onde se acaba a terra!

Se o visse... não quero vê-lo
Aquelle sitio incantado:
Certo estou não conhecê-lo,
Tam outro estará mudado,
Mudado como eu, como ella,
Que a vejo sem conhecê-la!

FOLHÉTIM

O PECCININO

Ou

O Bandido Nobre

Por

GEORGE SAND

—Quem tem a culpa? interroga
o florista. Poderei acaso dispôr
as grinaldas pelas paredes nuas e
colocar os vasos antes dos tapetes?

—E eu como hei-de subir aos
tectos, accode o incumbido da il-
luminção, se não temos por onde?
Parecer-vos-hão morcegos os
meus operarios?

—E como quereis que se es-
tendam as tapecerias, diz um ou-
tro, se os pintores decoristas ain-
da não dispensam as escadas?

—A culpa é só vossa, senhores
tagarellas, diz o mordomo exaspe-
rado; ou antes, o unico culpado
é vosso mestre, accrescenta ao
lêr nos olhos d'aquelle, a quem se
dirigia, a impressão que lhe cau-
sara o epitheto de tagarella. E'
d'este velho tonto Pedro Angelo
que nem aqui está, aposto, para
vos guiar. Onde estará? Na ta-
berna mais proxima, ia eu jurar.
Ouviu-se uma voz, ainda forte

Inda alli acaba a terra,
Mas já o ceu não começa;
Que aquella visão da serra
Sumiu-se na treva espessa,
E deixou nua a bruteza
D'essa agreste natureza.

Garrett.

EM JUSTA DEFFEZA

(A lenda da minha apostasia politica.)

O snr. dr. Sobreira esperava com certeza ver-me e audecer após a publicação da carta do ex-governador civil deste districto, o ex.^{mo} snr. Leopoldo Machado, e quem sabe se isso lhe não convinha nisto que se está passando no seio do seu partido!

Não lhe farei a vontade. A nossa polemica tem que durar e hade durar, quando mais não seja... para eu ver, até onde desce um nobre conselheiro de S. Magestade formado na Universidade de Coimbra, distincto advogado, muito em bora sem clientes, afamado notario por obra e graça do partido progressista (não espirro!) e á ultima hora... aspirante a chefe ou chefe eleito por si mesmo d'um partido que bem partido está... E se não é ver apenas suas correspondencias de Cortegaça, onde continua a descarregar-me as suas *sobreiradas* já velhas e sedições!

Pena é, porém, que as não apresente na pagina, como fez com as suas *historias*, historietas, lenda ou romance da minha apostazia... politica.

Porque o não faz? Tem vergonha? Deixe-se dessas pieguices, dr. Vamos, nada de vacillações...

Julga que, entocando-se alli no fim da gazeta, conseguiu illudir as pessoas de bem que o leem e levallas a convencerem-se de que lhe pertence a paternidade d'aquelles partos latrinarios e nojentos?

Quanto se enganal! Esqueceu-se por ventura de que já confessou ser o seu auctor?

Vamos, Dr. deixe-se de fingimentos... e continue que vae bem... Como sabe um homem carregado de titulos e veneras, como v. ex.^a, não pode nem deve proceder d'outro modo...

Depois... a prosa copia-lhe fielmente, estereotypa-lhe com toda a nitidez a alma e o coração e condiz perfeitamente com o seu passado.

V. ex.^a foi sempre isso, sem pôr nem tirar, dizem-me aqui do lado e por isso ninguem de si espera mais. Cada um dá o que tem e quem não tem não pode dar. A philosophia ensinava-nos isso em termos mais expressivos:—*ex-abundantia cordis os loquitur*...

e sonora que sahia da cupula, cantando o retornello d'uma canção, e olhando para cima, o intendente encolorisado viu reluzir a cabeça calva do director dos decoristas. Não havia duvida que o velho motejava do mordomo, e muito senhor de si, quiz acabar a obra sem se dar por escandalizado.

—Ah! amigo Pedro, diz-lhe o Barbagallo, zombais de nós? E' demais! Procedes como velho caprichoso e incivil, acabaremos por nos indispor. Não é occasião de rir e contar aqui versos bachicos!

Pedro não se dignou responder-lhe, contentou-se em encolher os hombros ao mesmo tempo que fallava com o filho, que estava n'um ponto mais elevado, e todo attento á disposição das côres no vestido d'uma dansarina de Herculanum flutuando n'um ceo de tela azul.

—Basta de figuras, de tintas e de prégas, gritava mais uma vez o intendente fóra de si. Quem é que vai notar lá em cima, se não estão perfeitas as vossas divindades, perdidas na abobada celeste? Que seja bom o conjunto, é quanto é preciso, Vamos, para baixo velho sonso ou faço bambaleiar o vosso poleiro.

—Se tocais na escada de meu pai, accode o joven Miguel com voz atroante, esmagou-vos com este

Todavia confesso que lhe ignorava o feito.

Se o conhecesse ha muito, não desceria a cruzar a minha pena com a sua. Preferiria partil-a... porque rebalsar-me em taes podridões e lodaças... isso nunca.

Estou, pois, snr. dr. arrependido de não ter prestado ouvidos aos que pretenderam demover-me do campo e me aconselharam, a deitar ao mais solemne desprezo o que v. ex.^a escreveu contra mim.

V. ex.^a era conselheiro, um bacharel formado em direito e eu... esperava vel-o apuramado e correto deante de mim.

Emfim agora... é aguentar e cara alegre...

E continue, Dr. continue a insultar-me e a calumniar-me nas suas correspondencias de Cortegaça.

Hei-de defender-me, creia, mas hei-de defender-me com luva branca. Fique certo, porém, de que não se vae sem resposta, resposta firme e altiva, sim, mas nunca porca e noventa, como aquellas suas correspondencias o tem sido...

E no fim nesse ha quem ganhou, se v. ex.^a com aquella prosa de rameira deslocada se eu...

E' que toda a gente o sabe, os insultos comecam por alvejar quem os joga. São como ás ballas que se esbatem num rochedo e vêm de recochete ferir quem os despediu...

Mas o que eu vejo é que v. ex.^a gosta do acepipe, não é assim? Pois, se gosta... sopeteie...

E vamos lá... Ahi já me ia esquecendo. Antes de mais nada vamos esmiuçar o caso do seu *juris mo regenerador*!

V. ex.^a parece que ficou como uma salamandra sobre brazas, quando o puz em duvida e, sangrando-se em saude, correu apressado a solicitar numa epistola do ex.^{mo} snr. Leopoldo Machado afim de com ella provar aos seus... que era realmente um immaculado!

O peor, Dr. é que contra factos do dominio geral não ha argumentos.

As coisas são o que são e não o que nós quereiamos que fossem...

Que impaciencia a sua... Não lhe prometti ir procurar saber tudo a tal respeito de comunicar-lhe o que soubesse? Não me apressei a transmitir-lhe o que pude descobrir nos primeiros momentos? Por ventura já lhe tinha dado a ultima palavra sobre o caso?

Não. Porque não esperou pois? Bem. Ora então vamos lá ao resto.

V. ex.^a pensa que inventei os factos que lhe apontei para provar que v. ex.^a não era um regenerador puro e que na sua vida politica tinha alguns peccadinhos?

lustre. Nada de brincadeiras d'esse genero, senhor Barbagallo, ou tendes que vos arrependar.

—Deixa-o fallar, continua a tua obra, interrompe serenamente o velho Pedro. Com a disputa perde-se tempo; não te occupes com palavras vãs.

—Descei, meu pai, descei; receio que n'esta confusão vos façam cahir; eu acabo n'um instante. Peço-vos que desçais, se me quereis tranquillo.

Pedro desce vagarosamente, não por lhe faltar, aos sessenta annos, a força e a agilidade da juventude, mas para lhe parecer menos longo o tempo que Miguel ainda queria dar á sua tarefa.

—Que de ninharias! que de puerilidades, dizia o mordomo dirigindo-se ao velho pintor, em telas volantes que serão amanhã enroladas n'um celeiro e destinadas a cobrir diferentes objectos tanto apuro como se tratasse de as mandar para um museu!

—Quem vos ha-de agradecer? Quem lhes ligará a menor atencção?

—Vós é que não, com certeza redarguiu o novel pintor, n'um tom de desprezo, do cimo da escada.

—Cala-te Miguel, e continua, lhe ordena Pedro. Cada um mostra o seu amor proprio n'aquillo em que é apto, accrescenta, olhando para o intendente. Ha quem ma-

Não, snr. dr. Ouvi-os ahi nessa villa e aqui nesta freguezia a varias pessoas que me merecem toda a fé e agora tenho aqui á mão documentos e jornaes que o confirmam. Quer que os apresente?

Ora diga-me, não foi em 1900 que v. ex.^a, e os ex.^{mos} srs. dr. Soares Pinto e Fragateiro foram nomeados notarios? Foi. E não é verdade que o fallecido dr. Manoel Aralla se empenhou para que num desses logares fosse collocado o dr. José Antonio d'Almeida, chegando mesmo o seu despacho a ser feito?

Por que foi elle rasgado e em vez delle nomeado v. ex.^a? Não sei; o que sei por um documento que tenho deante dos olhos é que o sr. dr. Almeida não foi nomeado por ser «*orallista*». O que sei é que o «*Correio da Noite*», jornal official do partido progressista, noticiou no seu numero de 10 de janeiro de 1900: «*Estão em Lisboa os srs. drs. Joaquim Soares Pinto e Antonio dos Santos Sobreira, nossos distinctos correligionarios, d'Ovar*» e que v. ex.^a leu esta noticia e nem tugiou rem magiu. Porquê? Porque... estava á espera do seu despacho...

Tanto assim que a 14 do mesmo mez de Janeiro de 1900 noticiou «*O Ovarense*», ao tempo jornal progressista d'essa villa e debaixo da epigrahe «*Tabellionato*»: «*Foram nomeados tabellães privativos d'esta commarca os Ex.^{mos} srs. drs. Antonio dos Santos Sobreira, Francisco Fragateiro de Pinho Branco e Joaquim Soares Pinto, nossos correligionarios* (o grifo é meu) e v. ex.^a apressou-se a enviar a «*Discussão*» de 21 do mesmo mez uma declaração em que dizia que não auctorisara pessoa alguma e muito menos a redacção do «*Ovarense*» a dar-lhe o epitheto de correligionario, acrescentando que o director politico d'aquelle semanario bem sabia que não era nem podia ser seu correligionario. Porque foi que v. ex.^a procedeu assim n'estas alturas?

Porque já tinha sido despachado!

Comeu a isca e assobiou ao anzol. Bem lh'o disse «*O Ovarense*» de 28 do mesmo mez de Janeiro escrevendo.

«*Parece-nos que melhor andaria o snr. dr. Sobreira em fazer a declaração de não pertencer ao nosso partido, quando o «Correio da Noite» assim o classificava, antes de ser publicado o seu despacho para notario publico d'esta commarca.*

Não a fez então, mas fal-o agora e não vae sem tempo. Em resposta á sua declaração devemos dizer-lhe que, quando ao Ovarense foi comunicado que aceitaram a entrada do snr. dr. Sobreira no partido progressista

nifeste o seu comprazendo-se com os nossos desgostos. Vamos lá! os decoristas podem comecar, tragam aqui um martello e pregos! fui eu que vos atrazei, devo ajudar-vos.

—Sempre bom camarada, diz um dos operarios decoradores, dando-lhe a ferramenta. Ainda bem, mestre Pedro Angelo, que as artes e os misteres se ajudam mutuamente. Só um tolo deixará de ser vosso amigo.

—Sim, sim, resmungo Barbagallo, que, ao contrario dos seus habitos reservados e attenciosos, estava esta tarde pessimamente humorado. Ahi estais vós com considerações com este velho obstinado, quando elle tão pouco se importa de offender os outros.

—Em vez de gastardes o tempo com insultos não haveria mais utilidade se nos ajudasse a pregar e a accender os lustres? lhe responde Pedro com ar zombeteiro. Mas, é verdade, haveria medo de estragar as calças de seda, e de romper os punhos de renda?

—Mestre Pedro Angelo, estais abusando muito; mas juro-vos que é esta a ultima vez que vos empregarei aqui.

—Oxalá! replica Pedro com a sua habitual phlegma, e acompanhando-se de vigorosas e cadentes martelladas, dadas com desembaraço em numerosos pregos;

d'Ovar, o Ovarense viu tão mal esta noticia, como a maior parte dos nossos partidarios. E tanto assim que tendo nós de dar a noticia da nomeação de dois dos homens que no partido progressista desempenhão um papel importante, nos limitamos a chamar-lhes correligionarios por causa da companhia em que tinham de ser publicados os seus nomes. Diz o snr. dr. Sobreira que não é nosso correligionario. Fica pois outra vez com os arallistas.

Estimamos e damos os parabens aos nossos correligionarios, porque a legação do snr. dr. Sobreira para nada vos servia. V. ex.^a pensava que tudo isto ia esquecido?... Continue, portanto, a dizer se um puro regenerador, mas, se os circumstantes se virem, ao ouvir-o, barufusto contra elles, como vem barafustando contra mim, por eu lh'o haver dito...

Ora agora vamos á historia da carta.

Fui a Espinho saber se ella por lá deixou rastros, ou signaes de si e contaram-me o seguinte: Fallou se alli realmente n'uma carta, mas pelos modos essa carta não era do snr. dr. Sobreira. Era d'um titular em evidencia na politica progressista do districto d'Aveiro e dirigida a um seu amigo e importante correligionario d'Ovar e na qual lhe fallava na pretensão de seu filho a secretario da administração.

Com certeza essa carta é a mesma que ahi andou na villa de mão em mão, muito embora com a assignatura occulta.

Ora vamos a vêr se podemos reconstituir a historia d'essa carta.

V. ex.^a não foi a Aveiro fallar sobre o despacho de seu filho com um cavalheiro franquista, ao presente director d'uma das direcções do ministerio do reino? E juntamente com elle não foi a casa do chefe franquista do districto para com elle conferenciarem sobre o caso?

O que se passou n'essa conferencia?

Não o sei, mas o que sei é que V. ex.^a recolheu a Ovar e no dia seguinte procurou a quem disse ter ido a Aveiro e que pedindo se-lhe lá uma relação das pessoas que deviam fazer parte da commissão administrativa do municipio, indicara fulanos e beltranos que eram nada mais nada menos que a fina flor do partido regenerador d'Ovar! Que quer dizer isto, snr. dr.? Quer dizer que V. ex.^a veio d'Aveiro ferido na asa e que... preparava as malas para ir de longada até ao franquismo, se o seu filho fosse despachado.

E porque o não foi? Porque o chefe franquista do districto, indo a Lisboa, encontrou-se lá com o tal titular que

mas na primeira occasião vir-me-heis procurar com empenho, dir-me-heis que nada se pôde fazer sem mim, e eu como tenho feito, perdoar-vos-hei as vossas impertinencias.

—Vamos! diz o intendente dirigido para Miguel, que descia, sem pressa, a escada; está prompto? Graças a Deus!

Vál! vál! ajudar armadores, ou floristas.

Fazei alguma coisa para recuperar o tempo perdido.

Miguel, com ar arrogante mede-o dos pés á cabeça. Tanto n'ele se havia arreigada a idéa de não ser operario que não concebia que este subalterno o mandasse tomar parte em labores extranhos ás suas attribuições, mas quando ia responder-lhe de viseira erguida ouviu a voz de Pedro que o chamava.

—Anda Miguel, traz-nos pregos e vem coadjuvar estes bons companheiros, que sem o nosso auxilio não terão tempo de acabar a sua tarefa.

—Nada mais justo; no entanto receio não ser bastante habil n'esse trabalho; mas tenho força nos braços. Vejamos o que é preciso fazer. Mandai-me.

(Continua.)

Clara de Miranda.

he apontou o que V. ex.^a fizera quando foi do seu despacho para notario. Ora foi isto que o tal titular mandou dizer ao seu amigo e correligionario d'essa villa e foi essa a tal carta a que me referi. . . V. ex.^a não sabia da existencia d'esta carta?

Sabia, sabia porque em Ovar não ha politica que lhe ignore a existencia. Ora ahi tem a historia da carta.

Mas, com franqueza, eu não vejo no caso motivo para tantos temores nem para tamanho escarceo como o que V. ex.^a a proposito levantou.

Seu filho não foi despachado e V. ex.^a ficou, onde estava. Mas, se o fosse V. ex.^a tivesse virado a casaca, o menos que lhe podia acontecer era apanhar retrato em todas as gazetas e revistas d'este mundo sublanar.

V. ex.^a não viu o que aconteceu a dois nossos illustres concidadãos que mandaram bugiar os partidos em que haviam assentado praça ha tantos annos?

Porém v. ex.^a ficou e . . . teve a felicidade de se eleger, de se alcastruzar á eminente dignidade de chefe do fallecido partido regenerador local.

Que gloria a sua, ex.^{mo} sr.!

Como v. ex.^a deve impar d'alegria! Chegou alfim o momento mais suspirado e ansiado de toda a sua vida! Ser chefe d'um partido, que alegrão o seul!

O peor é que diz-se para ahi que Hintze Ribeiro levou para a cova envolto na sua mortalha o seu partido. Será verdade? Se é, sr. dr. é caso para dizer que v. ex.^a não anda com sorte.

Mas supponhamos que essas vozes são falsas.

Lá pelo facto de se encontrar no pinaculo do seu posto não deixa de dar trela á gente. . . Simplesmente, aprume-se mais um pouco, não destrambilhe a vista a sua casaca conselheiral, agora mais necessaria que nunca.

Olhe que. . . *noblesse oblige.*

P.^a Lima

se conservou sempre, não crendo nós, que elle renegasse as suas ideias politicas.

O terceiro herdou a fortuna e a politica d'um tio, que era regenerador dos de quebrar mas não de torcer.

Esse parente morreu ha muitos annos e d'elle nada mais resta do que a fortuna augmentada. Porque virou? Não podemos dizer.

O quarto é uma figura apagada, é socio de socio, e porque ainda não conseguiu reduzir a escripto a sociedade, tem de ser victima da telha alheia e propria.

Deus o bafeje.

O quinto é um influente politico dos diabos, porque a votação d'elle não é conhecida n'este mundo, e talvez por isso, é que, elle brevemente vae mudar a sua residencia official e particular para o Entroncamento.

D'esta forma não chega a mostrar a sua pantomime politica, cá na terra.

O sexto é o homem de *melhores* relações, que conhecemos.

Priva na maior intimidade com toda a alta nobreza, com a alta politica e com a alta finança. Com todos elles, é tu cá, tu lá, vae para a . . .

E' o homem que mais correspondencia recebe na sua freguezia —pela simples razão de ser o encarregado da estação do correio. Mas, não é mau moço.

O setimo é tudo o que quizerem que elle seja, não passando d'um... anonymo.

No meio d'esta degradingolade de hombridade civica, temos uma consolação, qual é a de que só dois dos vogaes da tal *comissão* são naturaes d'este concelho.

Vae pois, o patrimonio do nosso municipio ser administrado por gente, que, escoraçada das suas terras nataes, veio aqui cahir, por nossa desgraça, para nos explorar.

NOTICIARIO

TEMPO

Melhorou, enfim, o tempo, um *tudo nadinha!* . . .

Temos, pois, gozado uns dias *assim assim*, e umas notinhas *tem-te não caias* . . .

Mas, oh cumulo da decepção. . . como sempre, e em tudo, o gozo de taes delicias não se prolongou, e, eis que o tempo, se é que, ainda não virou, de novo, a mau, estamos, no entanto, em vespersas d'isso, a fazer fé no que diz o bem conhecido, (tradicionalmente, é claro! . . .) *Saragoçano* de todas as *arabias do mundo* . . .

Diz *elle* que teremos chuva, durante uma quinzena; oh meninos, nós, então, dizemos que teremos chuva, que nunca mais se acaba! . . .

Ora bólas; ora cébo; ora. . . sabem que mais? . . . Ora tudo.

Apanhamos, este inverno, uma fartadella d'agua, que, com certeza, ficamos enjoados de vinho, para toda a vida.

Ainda, assim, serviram-nos de muito os bons dias que temos tido; pois, d'esta vez, sempre calhou podermos chegar ao Largo do Hospital, e, d'esta forma, assistimos já a trez sessões de *cy-nematographo*, no theatro *«Ovarense»*.

Ai filhos! . . . aquillo sim! . . . Vêm-se alli carinhas tão catitas, que, apesar de não serem verdadeiras, fazem, no entanto, uns *formigueiros* taes, no corpinho d'um homem, que é bom a gente não ficar. . . tolhido! . . .

Verdade, verdadinha! . . . se aquellas especialidades fossem de carne e osso, e não tivessemos os nossos compromissos, não punhamos duvida nenhuma em irmos, de casa mudada, até á lua, passar uma. . . *lua de mel!* . . .

PESCA

Como o mar não tem permitindo o trabalho de pesca, nem vale

a pena estarmos a perder tempo com elle.

Passemos, portanto, a outro assumpto.

Na quinta-feira faz a lua *quarto-minguante*. Limitamo-nos, apenas, a dizer que, n'esta lua, não se podem matar porcos, segundo as velhas tradicções.

JULGAMENTOS

Na segunda-feira passada, foram julgados, em Lisboa, os nossos collegas «Noticias de Lisboa» e «Mundo», sendo absolvidos.

O illustre caudidico dr. Affonso Costa, na defeza do «Mundo» foi processado em razão de referencias presumidas offensivas da familia reinante.

Foram tambem julgados e absolvidos, na quinta-feira os nossos collegas «Popular» e «Lucta.»

REAES CAMARARIOS

No domingo preterito, na sala das sessões da camara municipal, d'este concelho, com a assistencia do seu presidente dr. Joaquim Soares Pinto, e vereadores, teve logar a arrematação, em hasta publica, dos reaes camararios, sendo adjudicados, pela quantia de 6.762 a 100 réis, ao sr. Amadeu Peixoto Pinto Leite, sendo fiador o sr. Affonso José Martins.

CORREIO DA NOITE

Reapparecem, no dia 19 do corrente o nosso collega «Correio da Noite», extremo defensor do partido progressista, e que tinha sido suspenso, por motivo d'um artigo patriotico, que publicara.

No consistorio de 19 do corrente, o Papa nomeara o sr. Mendes Bello, patriarcha de Lisboa; o sr. Barboza Leão, bispo de Faro; o sr. Leite de Vasconcellos, bispo de Beja; e o sr. Alves Ferreira, de Lisboa bispo titular de Martinopolis.

Resolveu mais addiar para outro consistorio a nomeação do abbade de Vallega para bispo de Angola pois julga necessario um inquerito.

Explosão

Na fabrica de dynamite, da Trafaria, deu-se uma explosão de acido sulfurico ficando bastante ferido, o director da mesma fabrica snr. G. Maire.

NECROLOGIA

Falleceram. Em Agueda—O sr. José d'Oliveira Lopes, pae dos nossos prezados amigos Amadeu Soares Lopes e Jayme Soares Lopes, dignos escrivães de direito, aquelle no Juizo d'esta comarca e este no da comarca de Vagos.

N'esta villa—A sr.^a D. Anna Augusta Ferreira da Silva, esposa do sr. Delphim Lamy e mãe do sr. dr. José Delphim de Souza Lamy, aquelle pharmaceutico e este medico, na freguezia de Vallega, d'este concelho.

A's familias enlutadas endereçamos profundas condolencias.

Os jornaes referem que o Snr. conselheiro João Franco está doente.

Autopsia

No dia 19 foi autopsiado, na respectiva sala do hospital, d'esta

villa, o cadaver de José Ferreira Bastos, viuvo, lavrador, do logar da Marinha, d'esta freguezia d'Ovar, de oitenta annos d'idade, que se havia suicidado, lançando-se a um poço.

O professor Baquet, de Vienna d'Austria, descobriu um sóro contra a tuberculose, que se diz ser infallivel.

Feer, eminente professor de Heidelberg, affirma tel-o adoptado com exito, na sua clinica.

NOVENAS DO MENINO DEUS

Principiaram, na igreja matriz, d'esta villa, no dia 15 do corrente, e terminam no dia 24 as novenas ao Menino Deus, que tem sido muito concorridas.

ADEGA DO LUZIO

Chamamos a attenção dos nossos prezados leitores para no proximo n.º lerem o annuncio que vem publicado na 4.ª pagina, sob aquella epigraphe.

Roubo

Foi apresentada, em juizo, queixa contra um tal Joaquim José da Silva, do logar das Espartidouras, freguesia de Vallega, d'esta comarca, por ter roubado ao snr. João Bernardino d'Oliveira Martins, proprietario, tambem, d'aquella freguezia, uma corrente d'ouro e um relógio de prata.

Soterrados

Na mina de Yolande, em Birmingham (Albany), deu-se uma terrivel explosão, ficando 200 mineiros soterrados, dos quaes apenas oitenta é que poderam ser retirados.

GRUPO DRAMATICO D'AMADORES

«Bôa Uulão»

Domingo 22 de Dezembro de 1907.

No largo Almeida Garrett

Recita em beneficio do cofre do mesmo Grupo

Uma surpresa por um grupo de Senhoras.

Emocinante Drama em 1 acto «Carta a Santo Antonio.»

Uma caçoneta por J. Souza

Arrematação

2.ª Publicação

No domingo 26 de Janeiro proximo, pelas 10 horas da manhã, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca e no inventario orphanologico a que se procedeu por obito de José Ferreira Brandão e sua segunda mulher Anna Rodrigues, tambem conhecida por Anna Pereira, que foram moradores na rua do Bajunco, d'Ovar, e em que foi cabeça de casal a filha Maria Rodrigues Ferreira, casada, da mesma rua, volta pela segunda vez á praça para ser arrematado por preço superior ao de metade da sua avaliação, visto não ter tido lançador na primeira praça, que teve logar em 1 de dezembro corrente, como annunciam os editaes passados em 9 de novembro, o predio abaixo declarado, que não teve commoda divisão nem os interessados concordaram na sua adjudicação.

Uma morada de casas terreas, com quintal, poço e mais pertencas, allodial, sita na rua do Bajunco, d'Ovar, avaliada em trezentos e trinta mil réis, mas vai á praça no valor de 165\$000 réis. Para a arrematação são citados quaesquer credores incertos.

As despesas da praça e de toda a contribuição de registro ficam a cargo do arrematante.

Ovar, 7 de dezembro de 1907.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Ignacio Monteiro.

O escrivão.

Angello Zagallo de Lima.

EDITAL

Abel Augusto de Souza e Pinho, Secretario da Camara Municipal do concelho de Ovar. Faz publico que, para a revisão do recenseamento eleitoral, serão recebidos desde 26 do corrente mez até 5 de janeiro, na secretaria da Camara Municipal:

1.º—Documentos apresentados pelos interessados provando que, pelo lançamento immediatamente anterior effectuado em qualquer concelho ou bairro, foram collectados em alguma das contribuições predial, industrial de renda de casas, sumptuaria ou decima de juros, ou que foram tributados no anno immediatamente anterior em imposto mineiro ou de rendimento.

2.º—Requerimentos dos interessados pedindo a propria inscrição no recenseamento pelo fundamento de saberem ler e escrever, quando sejam por elles escriptos e assignados, na presença de notario publico que assim o certifique e reconheça a letra e a assignatura, ou na presença do parochio que assim o ateste sob juramento, sendo a identidade do requerente corroborada por attestado jurado do regedor da parochia.

E para que chegue ao conhecimento de todos e se não possa allegar ignorancia se fez este e outros de igual theor, que serão affixados nos logares publicos do costume.

Secretaria da camara Municipal do concelho de Ovar, 10 de Dezembro de 1907.

O Secretario da Camara

Abel Augusto de Souza e Pinho

ANNUNCIO

1.ª Publicação

Pelo juizo de direito da comarca de Ovar e cartorio do escrivão do 4.º officio Frederico Abragão, correm editos de 30 dias, contados da segunda publicação do annuncio respectivo no «Diario do Governo», citando José de Oliveira Gomes, casado, e José de Oliveira Gomes, viuvo, ambos ausentes em parte incerta na Republica dos Estados Unidos do Brazil, para todos os termos até final do inventario de menores a que se procede por obito de sua mãe e sogra Anna dos Santos Correa, moradora que foi na rua das Ribas, d'esta villa, e isto sem prejuizo do andamento do mesmo inventario.

Ovar, 12 de dezembro de 1907.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Ignacio Monteiro

O Escrivão

Frederico Ernesto Caminha Abragão.

Agradecimento

Em extremo penhorados com as provas de verdadeira amizade e carinho que receberam de todas as pessoas que os cumprimentaram, espargiram finezas e assistiram ao funeral de sua estremecida esposa e affectuosissima mãe, Anna Augusta Ferreira da Silva, os abaixo assignados recorrem a este meio para patentear de uma forma inequivoca, e com todas as veras d'alma, a sua nunca jámais olvidada gratidão.

Ovar, 22 de Dezembro de 1907.

Delfim José de Souza Lamy.

José Delfim de Souza Lamy

Augusto Lamy.

Laura Celeste de Souza Lamy.

Anna Augusta de Souza Lamy.

Alice Lybia de Souza Lamy.

Candida Ramos de Souza Lamy.

ADEGA DO LUZIO

Meu caro Luzio

Visto que, na 4.^a feira, não me quizéste vender vinho, por ser dia de descanso semanal para a classe dos taberneiros, pregueite a partida de não te FAZER VERSOS, d'esta vez.

Como sabes eu também sou filho de Deus; e por isso também preciso de DESCANÇO CEREBRAL SEMANAL.

Teu amigo

QUEM SABES

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, gero-pigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.

Garante-se a pureza de todos os artigos

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

-LARGO DA PRAÇA-

Os proprietários d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para reveender

Deposito do Café Moido Especia

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

MONTEIRO & GONCALVES

PORTO.

NUMERO TELEPHONICO, 737

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos



O GABÃO ELEGANTE

DE
AVEIRO

É e ha de ser sempre o agasalho mais conveniente e elegante contra o Frio, Vento e Chuva e o mais commodo para viagem. E se quereis o verdadeiro só o encontrareis na **ALFAIATERIA DA MODA**

de **ABEL GUEDES DE PINHO**

Largo da Praça n.º 46, 47 e 48

— OVAR —

Afaiate natura da cidade de Aveiro, veio estabelecer-se em Ovar para poder fazer os Verdadeiros, antigos e elegantes GABÕES ou VARINOS AVEIRENSES mais baratos 2.000 reis qual-quer outra casa AVEIRENSE.

E' elle o proprio, artista no genero, quem com toda a perfeição e esmero molha e corta todas as fazendas e não eintrega a alfaiates desconhecidos ao seu estabelecimento, como fazem todos os mercadores que trazem annunciado o GABÃO AVEIRENSE.

Lembra V. Ex.ª que não se illudam com esses reclamista, sem consciencia do que annunciam, porque alguns até mandam fazer esses gabões a costureiras para os expor á venda no seu estabelecimento.

Eu responsabilizo-me pelo seu bom acabamento, para o que tenho pessoal competente-mente habitado, mas se por qualquer motivo o freguez não ficar satisfeito, torna-o a receber sem innemnsiação alguma. Todo o gabão elva a marca da casa para evitar enganós.

Tambem os faz a prestações s manaes de 500 reis.

Toma a responsabilidade por toda e qualquer obra sahida e execu-tada no seu estabelecimento tanto para homem como para creança. Forne-cem-se amostras de burel e todas as fazendas proprias para os mesmos GABÕES.

Preços varios em tamanhos e qualidades.

OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madra

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina,

EXTRACTO DO CATALOGO

DAS
Obras á venda no BAZAR FENIANO

DE
ANTONIO DA SILVA SANTOS

264, RUA DO MOUSINHO DA SILVEIRA, 270 - PORTO

Edições d'esta casa

Guia dos Namoradores (60 cartas em prosa)	200
Verdadeira significação dos sonhos	60
Rie das Montanhas ou a Fada da Fonte de Chrystal	60
O Castello d'Ouro, ou o Principe encantado	60
A Gatinha encantada ou os quarenta ladrões	60
Historia dos dois compadres	60
Historia do Cura e Sacristão	60
Historia de Roberto do Diabo (verso)	60
Historia da Donzella Theodora (verso)	60
Historia do Barba Azul	60
Serenatas ao luar	60
Livro de S. Cypriano	200
A arte de namorar (prosa)	60
A Musa dos Namorados (verso)	60
Gato de Botas	60
Gata Borralheira	60
Um abbade em calças pardas	60
As botas de sete leguas	60
Historia do Feiticeiro de Bronze	60
Historia da Massaroca d'Anastacio	60
Historia de Bernabé Pisa Mansinho	60
Historia da Princeza Clotilde	60
O abbade da Ramaldeira	60
Os amores de Laurinha	60
O Jardim Infernal	60
João de Calais (verso)	60
A Mariquinhas padeira	60
Carlos Magno (versos)	60
A Burrinha magica	60
A B C dos namorados	60
Princesa Magalona (verso)	60
Imperatriz Porcina (verso)	60
Bertoldinho (verso)	60
A formoza Mathildinha	60
Historia da encantadora Mercedes	60